

COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 407

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte. — As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte, ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 10 % d'abatimento.

BRAGA—TERÇA-FEIRA 12 DE OUTUBRO

Ainda os «Lazaristas».

1

RESPOSTA DO SNR. GUIMARÃES FONSECA AO SNR. SENNA FREITAS

[Continuação]

Siga-se a lista de todos os horrendos crimes dos lazaristas.

O auctor do folheto em questão esteve, *felizmente*, (sic) no Brasil, e teve occasião de observar o contrario do que afirma o snr. Senna Freitas com relação aos jesuitas e irmãs de caridade d'aquelle imperio. Ah! vai o que o snr. Guimarães viu no Brasil:

As irmãs de caridade são enfermeiras do hospital geral e são detestadas pelo povo que lhe soffre a caridade amarga e dura. (O povo detesta geralmente todos os hospitales e todos os enfermeiros, isto não só no Brasil, como em toda a parte. Tenho ouvido a muitos pobres em Lisboa dizer, como o snr. Fonseca ouviu no Brasil, que preferem morrer ao desamparo a ir para o hospital de S. José, onde não ha nem sequer a sombra d'uma irmã de caridade, creio eu). Continua o snr. Fonseca:

—Os que não podiam de algum modo recompensar-lhes os serviços, eram desamparados a tal ponto que chegavam a passar fome de pão!

Ora essa! Então as irmãs de caridade francesas não foram para alli impellidoas pelas sugestões jesuíticas? Não são meninas pertencentes pela maior parte a boas familias, que abandonaram as casas dos paes para se filiarem n'aquella corporação religiosa? Eu até aqui tenho ouvido isto a todos os *terríveis* dos tres pontinhos, mas vejo que me tinham enganado. Fique pois estabelecido que a irmã de caridade é uma enfermeira como outra qualquer, que precisa, como todos os individuos d'aquella classe, do obulo dos que vão para os hospitales tratar-se. Ora sabem em que a irmã de caridade diversifica dos outros enfermeiros? Ah! vai:

«Nas caras estendidas pela hipocrisia e pelo egoismo (!)»

«Pela impotencia (?) da fealdade e da senectude (!!)»

«Por não terem um sorriso de conforto e de esperança para os enfermos.»

«Nem um olhar de piedosa suavidade.»

«Por terem os labios *delgados, lividos, e contraídos pela estupidez do fanatismo*» (!!!)

Risum teneatis, amici!

Segue o snr. Fonseca:

«Nos collegios de meninas, como lhes pagam bem (cada vez é mais claro que a questão não é de propaganda reaccionaria e fanatica, como por ali disiam alguns *terríveis* mal informados, mas de especulação rendosa) *esforçam-se* no ensino, imbuindo, todavia no espirito das creanças o odio dos homens e o aborrecimento do mundo». (Este odio dos homens imbuído no espirito das creanças é impagavel! E o aborrecimento do mundo tambem imbuído no supracitado espirito, não gostam?)

Quanto a irmãs de caridade, está o snr. Fonseca satisfeito. Disse tudo quanto se podia dizer d'ellas. Fiquem certos de que se mais alguma coisa soubesse, não guardaria segredo.

Pelo que ali fica já o leitor pôde ver que effectivamente é comparação aquella que se não deve tolerar na sociedade. Ora vejam que comprida lista de horrorosos crimes ali fica estampada!

Passemos agora aos leopardos com patas de velludo.

«O primeiro lazarista do Rio de Janeiro é o bispo do Rio de Janeiro» (Elegante periodo!)

1.º crime.—«Quando tomou conta da diocese expulsou do seminario episcopal, sem motivo algum plausivel, (isso é que o veneravel irm. não sabe nem prova) todos os professores, padres brasileiros e alguns de grande reputação litteraria e scientifica (*irmãos*, naturalmente) como o conego Fernandes Pinheiro (padre elogiado pelo snr. Fonseca...) e substituiu-os por padres lazaristas que trouxera *cangados* de Roma».

Aqui ha evidentemente um grande crime. O que eu não chego a perceber é se esse crime consiste em ter o bispo substituido os professores do seminario episcopal, ou em trasido os lazaristas *cangados* de Roma».

O snr. Fonseca tem singulares esquecimentos. D'esta vez olvidou provar-nos que os professores lazaristas eram litteraria e scientificamente inferiores aos brasileiros; porque só assim se justificaria a arguição feita ao snr. bispo. Prove-nos isso, prove. Bem vê que n'estas questões não basta a sua palavra hoorada.

2.º Crime.—«Quando chegou ao Rio de Janeiro sagrado bispo, quiz sua mãe, que não via ha muitos annos, visital-o no paço episcopal; respondeu que não podia receber a visita de sua mãe porque no paço episcopal não podiam entrar mulheres».

Isto significa que o snr. bispo do Rio de Janeiro sabia antepor a tudo as suas obrigações de prelado. Se o snr. Fonseca nos dissesse que elle despresara a mãe a ponto de a não querer receber em parte alguma! Mas no paço? Desde quando é um crime cada um cumprir as suas obrigações?

Ora apostamos que se uma mulher entrasse no paço os irmãos brasileiros e portuguezes nos teriam dito que o bispo do Rio de Janeiro introduzira uma mulher no paço e que isso passaria por um verdadeiro crime, embora depois se provasse até á saciedade que essa mulher era a mãe do snr. bispo.

3.º crime.—«Estando uma senhora em vespas de morrer n'um convento desejou despedir-se de sua irmã e o bispo entendeu que infringia a regra monastica, deixando-a entrar (permita-me que abrevie) e não deu licença que a irmã fosse consolar os ultimos momentos da irmã moribunda».

Horror!

4.º crime.—«Chegou a prohibir a sepultura ecclesiastica ao snr. visconde de Inhaúma sob o pretexto de que era grão-mestre (permita-me a letra pequena. No original está em versaes) da maçonaria».

Que mania tem esta gente de querer por força repousar depois de mortos sob a egide da cruz, que insultaram em vida! Volta agora ao principio.

O auctor do folheto apresentou como representante de todos os lazaristas o snr. bispo do Rio de Janeiro. Como respondeu ao snr. Senna Freitas, que defendera os lazaristas, entende-se que n'esta accusação se resume tudo quanto se podia dizer com provas contra a corporação religiosa em questão. Não é razoavel pensar que haja outras accusações a fazer, pois que o snr. Fonseca não as apresentou. Ora se isso que ali fica é pueril, e irrisorio, que fez o snr. Fonseca senão fallar, fallar, fallar, como diz José Agostinho de Macedo.

E. F.

[Continúa]

Ainda o «Jornal do Minho».

Snr. redactor.

Quando esperava que os homens illustrados do «Jornal do Minho» saíssem á estacada para destruirem os argumentos formulados na minha missiva anterior, apparece-me um rapaz a riscar na areia, e respinga insulsamente:—«bons dias, snr. Tavares».

E' forçoso confessar que alli anda bedelho de *Roques*, como v. suspeitou. Ora, como eu não sei terçar com ignorantes do jaz dos taes tarellos, que muito façam engordar a luminaria *historica*, dirijo-me á gente illustrada que habitualmente a provê de oleo, e peço-lhe, em nome da sua probidade jornalística, que destrua, se pode, os argumentos que se encontram na minha alludida carta.

Feita esta petição, que, espero, será deferida em termos, passo a examinar ligeiramente um asseto, que se lê na secção directiva do «Jornal do Minho» de sexta-feira,—artigo, onde se commemora o passamento de Claudio José Nunes, ha dias finado em Lisboa, e membro do centro historico.

Passando a vau por muitas das graciosas pieguices de que está turgida aquella moxunhada de... destemperos, e desprezando as zargonchadas indiligidas sem dó ao pobre bom senso e á pobrissima grammatica, transcreverei o seguinte periodo:

«Ante a lapide do sepulero, que encerra o seu corpo inanimado só podem prevalecer os sentimentos de respeito e admiração oriunda de inexcidivel patriotismo e relevantissimos serviços prestados á patria, pelo vulto ingente que *tombou no abismo do nada*, como cedem ao impetuoso furacão as arvoredos annosas, cujas raizes e frondentes ramos abrangem dilatado espaço topetando o seu cimo com *(sic)* as nuvens».

E' copiado textualmente.

Que lhe parece, snr. redactor, d'esta bonita profissão de materialismo raso?

Na verdade, as linhas que deixo transcriptas, e devem ficar bem archivadas, valem um dinheirão, especialmente na actual conjuntura.

Com que então, snr. articulista do «Jornal do Minho», a morte quer dizer, nada mais nada menos, do que o *tombou no abismo do nada*? Pois nem sequer nos concede a creença n'uma qualquer especie de metempsicose, para servir de muleta a que nos abordoemos nas horas lentas do desconforto? Pois nem ao menos deixa que a nossa substancia—a material, já se vê; porque a espirital é conto da carochinha—ainda fique *existindo* depois que fazemos ablativo de viagem para o *abismo do nada*?

Tem razão o articulista.

Isto de immortalidade da alma, e da existencia d'um logar de ventura perpetua e a d'outro de tormento sem fim, não passa de futi invenção dos paorecas para impiagirem ás beatas e ás almas crendeiças e simplices.

Sendo v. s.ª quem é, daria margem a suspeitar catolico desarranjo na sua caixa ossea; se tivesse a excepcional candura de acreditar, como qualquer pobre mortal, n'estas e quejandas papalvices. Isso é bom para *Zé-Povinho* dos sertões, que não vê um palmo adiante do nariz, e nunca para um portento archi-azogado como é v. s.ª

E outra coisa: Para que havemos nós, depois que o gelido sopro da morte nos faça *tombou no abismo do nada*, para que havemos, repito, de consentir que junto á cova um roupeta muito feio venha resmungar uns latins, que nem em vida percebemos, quanto mais depois de mortos?

A cova é o orificio por onde nos bispamos para o «abismo do nada»; é, pois, imperdoavel tontice irer para junto d'ella berrar aos nossos ouvidos, como quem está de tineta para impedir que vamos procurar «o verdadeiro descanso no chão do cemiterio», como v. s.ª com finissimo gosto e alto criterio se expressa.

Não pode ser: depois de atirarem connosco para uns cinco palmos de terra e ali nos amolgarem o costado a golpes de pisão, ou nos engavetarem n'uma cata-cumba; que nos deixem ao menos socegadosinhos á cata do «abismo do nada»; porque os nossos ouvidos não é coisa de pouco mais ou menos, e quiçá nos sejam precisos, para conhecer se o guarda-portão do tal abismo nos dá ingresso a elle...

Ora vejam os leitores quaes são as creanças no catholicão do «Jornal do Minho», que ainda ha pouco esteve em riscos de lançar os bofes pela bocca fóra, na defesa *desinteressada* da religião, a qual, se não fossem os bons officios da folha historica, teria sido arrojada ao «abismo do nada», na eleição do dia 15 de agosto.

Esperem os catholicos por que empolgue o poder o partido de que é representante o «Jornal do Minho», e verão os relevantes serviços que esse partido ha de prestar á Religião Catholica.

Fico por aqui, reservando para outra carta o muito que ainda tenho a dizer.

Agradeço-lhe, snr. redactor, o ter dado publicidade ao meu anterior escripto, e assigno-me

De v. etc.

Manuel das Neves Sampaio Tavares.

Correspondencia estrangeira

PARIS, 4 DE OUTUBRO

(Correspondencia particular do «Commercio do Minho»)

Um incidente acaba de fornecer algum alimento ás discussões politicas dos jornaes. Bem que sem importancia, é considerado como um symptoma da situação. Eis o que se passou.

Ha alguns dias o ministro das finanças, M. Leon Say, pronunciou um discurso, onde tractava bruscamente a antiga maioria parlamentar, a que M. Buffet, presidente do conselho, tinha pertencido antes de ser ministro. D'ahi uma desharmonia bem natural. Buffet recusou inserir no «Journal officiel» o discurso do seu collega.

Este, porém, não se inclinou perante esta recusa. Levado o conflicto perante o conselho de ministros, este decidiu, depois de morosa deliberação, que o discurso seria inserto no «Journal officiel», com a clausula de ser acompanhado de uma carta explicativa.

Evidentemente a esquerda republicana não tem muito a felicitar-se por este incidente; ella queria, com effeito, collocar M. Buffet na necessidade de dar a sua demissão, e esta tactica falhou. Por outro lado, porém, o presidente do conselho saiu um pouco chocado d'este conflicto. Elle não pode fazer prevalecer a sua opinião e teve de ceder.

Eis um acontecimento que nos faz esperar com tal ou qual impaciencia o porvir.

A esquerda está disposta a especular com a fraqueza do primeiro ministro, para derrubar o gabinete, logo que se abram as camaras.

E' este o plano de M. Gambetta. Como as eleições geraes se approximam, a esquerda não quer que o partido conservador retenha as redeas do poder; porque na França, como em muitos outros países,

os ministros exercem poderosa influencia sobre as eleições.

Circula ha alguns dias o boato de que o marechal de Mac-Mahon se reconcilia cada vez mais com a ideia republicana.

Não se sabe a que movel attribuir esta conversão; mas as palavras injuriosas que lhe dirigem os jornaes bonapartistas provam que o chefe d'estado é em todo o caso profundamente hostil á causa imperialista. Ainda ha pouco, um ajudante de campo do marechal assistia a um banquete official. O prefeito do departamento levantou, no fim do jantar, um toast a «M. o marechal de Mac-Mahon». Para logo alludido ajudante de campo accrescenta: «presidente da republica». Este facto é significativo.

Uma outra conversão de que se falla muito é a de M. o duque de Broglie. Em Beaumesnil (departamento d'Eure) pronunciou o duque um discurso no qual acclamava M. Thiers e adheria francamente á republica. Não é só a isso, parece, que se limita o zelo neo-republicano de M. de Broglie. O antigo ministro procura bandear-se com os republicanos no terreno eleitoral. Visto que o seu departamento só encerra bonapartistas e republicanos, achou-se obrigado a fazer causa commum com estes ultimos afim de ser reeleito deputado. Diz-se mais que, para obter o apoio dos republicanos, M. Thiers procurava reconciliar-se com M. Thiers, de quem n'outro tempo fôra amigo, mas do qual se havia afastado ha dois annos.

Thiers desempenha sempre um papel importante no partido republicano: Duffaure e Leon Say, que, como sabem, representam o centro esquerdo do ministério, recebem as instrucções do antigo presidente. Diz-se mesmo que é Thiers quem dicta os discursos de M. Leon Say.

Correu o boato de que Thiers devia fazer uma viagem ao Meu-Dia da França, mas não é exacto, porque o antigo presidente não ama as peregrinações democraticas. Foi M. Gambetta o iniciador d'este projecto, com o fim de agitar as populações meridionaes, e para combater a influencia dos deputados intransigentes, que actualmente percorrem a França, e a concitam contra M. Gambetta. M. Thiers recusou-se a effectuar a viagem reclamada pelo ex-dictador.

(Conclue no proximo n.º)

H.

D. CARLOS CONTRA D. AFFONSO

COM ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O DIREITO DE BELLIGERANCIA DOS CARLISTAS.

pelo general KIRKPATRICK

(Versão do inglez)

[Continuação]

III

A actual guerra carlista começou em abril de 1872 (1) sem outros recursos além dos que lhe eram ministrados pela abnegação e patriotismo dos hispanhoes...

(1) Se me não falha a memoria foi em 17 d'abril de 1872 que o sr. D. Carlos acompanhado de 27 dos seus mais dedicados amigos, transpoz a fronteira d'Hispanha, tendo estado em Bayonna tres dias occulto no Hotel de «La Belaine et des Pyrenées», onde deu as suas instrucções e expediu diversos agentes, nomeando por essa occasião a «Junta Real da Fronteira», cuja presidencia confiou ao zelo inextinguível do meu distincto amigo o almirante D. Ramalho de Viallete, actualmente ministro dos negocios estrangeiros de S. M. o sr. D. Carlos; recebendo el-rei n'esta occasião a adhesão de muitos dos principaes homens politicos de Hispanha, que não haviam assistido ao congresso de Vivey, e se apresentavam ao serviço da causa. Foi da nomeação d'esta Junta que se originaram os despeitos que depois produziram as intrigas dos *ajalateros* de Bayonna; intrigas que foram um prejuizo constante para a causa carlista até á traição de Cabrera, que as inutilisou pela raiz. Mais tarde me occuparei d'este assumpto da maxima influencia na politica do governo do sr. D. Carlos; para o que tenho apontamentos que hão de ser aproveitados na «Historia da actual Guerra Carlista», que estou escrevendo.

Senna Freitas.

As povoações do norte e leste da Hispanha rapidamente correram ás armas; porém o armamento de voluntarios foi lento, porque poucas espingardas se poderiam obter, além das que eram fornecidas pelo povo do paiz. A falta d'armas produziu o desastre soffrido pelos carlistas em Oroquieta, e deu causa a uma temporaria suspensão de campanha no norte; comtudo continuou ella com notavel felicidade na Catalonha, onde as forças carlistas ascendiam a 3:000 homens em armas.

A 17 de fevereiro de 1873, o general Dorregaray, commandante em chefe da Navarra e Provincias Vascongadas tomou o encargo de organizar as forças carlistas no norte. Em um mez a sua principal columna tinha 3:000 homens de infantaria e 250 cavallos. A guerra carlista tomou então duas fazes: os corpos regulares occupando as alturas das montanhas, para operar de surpresa, e as guerrilhas mais numerosas para atacarem os destacamentos e pequenas columnas do inimigo, evitando sempre as suas principaes columnas. O completo triumpho dos carlistas na batalha d'Eraul evidenciou a utilidade d'este sistema. As columnas republicanas, que tinham operado em brigadas de 1:500 homens apenas, foram obrigadas a formarem-se em divisões de 5:000 e 8:000 homens.

Quando D. Carlos entrou no norte d'Hispanha estava habilitado a collocar-se á frente d'uma força bem organizada de mais de 10:000 homens. Marchou pois para as importantes posições de Estella. A victoria dos carlistas em Allo e Dicastillo, e a tomada de Estella puseram D. Carlos em circumstancias de obrigar o inimigo a passar o Arga e a collocar-se na linha do Ebro.

D. Carlos passou em Estella uma revista ás suas tropas, que a este tempo eram 7:000 infantas, 250 cavallos e 6 peças, sendo o numero total das suas tropas no norte, bem armadas, 22:000 homens, sem contar as da Catalonha, onde D. Alfonso, irmão de D. Carlos se disse que tinha 11:000 homens perfeitamente organizados. (2) Em setembro de 1873 os dados officiaes de Madrid davam aos carlistas 35:000 homens em armas.

As grandes victorias de D. Carlos em Mañera, Montejurra e Somorrostro (3) onde o melhor que havia no exercito republicano, era commandado pelos mais habéis generaes da republica, deram a conhecer que incontestavelmente em tactica, disciplina e qualidades militares eram as tropas de D. Carlos absolutamente iguaes ás do inimigo. O levantamento do cerco de Bilbao pelos carlistas foi o movimento mais magistralmente militar; pois que tendo o inimigo rennido todas as forças disponiveis da Hispanha, e não se atrevendo a atacar de frente as linhas carlistas, estenderam em uma distancia de 40 milhas, fazendo uma marcha envolvente pelo flanco esquerdo e forçando o caminho pela retaguarda das linhas carlistas; e ainda que as posições carlistas em frente de Bilbao estavam em linha triplíce de fogo, a coberto da artilheria inimiga, D. Carlos operou um *cambio de frente* do seu exercito, mesmo á vista do inimigo, sem perder nem canhões, nem prisioneiros, nem munições. (4)

(2) Correspondencia do «Times» de 2 de setembro.

(3) Em todas estas victorias o sr. D. Carlos desmentiu as calumnias do partido liberal, pelos seus actos de grande valor e magnanimidade. Principalmente a victoria de Monte-Jurra, foi devida em grande parte á verdadeira temeridade de Sua Magestade. Nas nove principaes acções de Somorrostro, a que tive a satisfação de assistir, vi como El-Rei com a sua presença no ponto mais ariscado do combate, concorria para animar os actos de heroico heroismo alli praticados pelas suas tropas. A maior contrariedade que o sr. D. Carlos podia receber em taes occasiões eram as respeitosas advertencias que lhe dirigiam os seus generaes e as pessoas da sua comitiva, para que evitasse, em nome dos interesses d'Hispanha e da sua causa, arriscar a tão grandes perigos a sua pessoa.

Senna Freitas.

(4) Assisti a todo esse movimento honroso para o general Elio, e fui dos ultimos que se ausentaram d'aquellas posições; sendo por conseguinte testemunha ocular de todas as minudencias do occorrido. O general Elio, combinou a ope-

No principio do anno corrente, o inimigo concentrou todas as suas forças disponiveis, com D. Alfonso a sua frente, deante das posições carlistas, que guardavam Estella, com o fim de tomar aquella praça; porém a brilhante victoria dos carlistas em Lacar forçou os affonsistas a retirar-se para as suas anteriores linhas sobre o Ebro, e habilitou D. Carlos uma vez mais a recommear as suas operações offensivas.

(Continúa)

ração d'accordo com El-Rei em uma junta de generaes que se reuniu em casa de D. Francisco Olano, em Zornosa (a pouca distancia das linhas de Bilbao) á 2 horas da noite de 1 para 2 de maio do anno findo, sendo resolvido que as forças carlistas evacuassem a margem esquerda do Nervion. A's 5 horas da madrugada (3 horas depois) estava realiado aquelle movimento, abandonando-se ao inimigo apenas em Portugalete duas peças de ferro, inúteis, que lhe haviam sido tomadas, e em Asua, escondidas em uma *cuadra*, (cavallariças) 400 bombas, que não poderiam ser conduzidas por terem escasseado os vehiculos, apesar do grande numero dos empregados nos transportes, e que foram denunciadas pelo unico liberal que havia na povoação. Estas mesmas bombas, sendo enviadas para Bilbao pelo commandante d'uma força liberal, que havia sahido á *pilhagem* e a incendiar as povoações circumvisinhas, vieram depois parar ao nosso acampamento, pois que sendo obrigados pela força uns carreiros das proximidades a fazerem aquella condução, acompanhados por uma força liberal, aproveitando o nenhum conhecimento que os *guiris* (liberaes) tinham d'aquellas estradas trocaram os caminhos em um bifurcamento perto de Larrabesna, e foram entregar ao general Marquez de Valdespina, commandante da Biscaya, que então tinha o seu quartel em Gualdacano, tanto aquellas munições, como a força que as acompanhava e que ficou prisioneira. Não obstante, as folhas liberaes, por determinação do governo de Madrid, annunciaram que nos haviam sido tomados muitos prisioneiros, munições de bocca e de guerra, e que o desalento lavrara entre os nossos voluntarios, que desertavam. A taes falsidades responderam estes nobremente.

Estavam em divida tres mezes de soldo ao exercito. N'esta occasião deu-se ordem de pagamento á tropa. Quando se ia cumprir tal ordem, todos os corpos, como se obedecessem a um accordo tomado, exclamaram — *«não queremos dinheiro, queremos canhões! Viva Carlos VII!»*

Este testemunho de desinteresse, dedicação e entusiasmo das forças carlistas foi correspondido por todas as povoações das provincias Vascongadas, que nomearam as suas deputações, e foram a Durrango offerecer ao seu rei *toda a propriedade particular*, como garantia do dinheiro necessario para a compra de armas e sustentação da guerra. Dos olhos d'El-Rei eu vi correr lagrimas de gratidão, ao receber em Palacio aquellas commissões que davam um exemplo, que não tem precedente na historia de nenhum partido, senão entre os defensores da bandeira de Deus, Patria e Rei.

Senna Freitas.

REVISTA ESTRANGEIRA

Hispanha.

Noticias da guerra

Hendaya 29. — O inimigo atacou hontem as nossas posições de Guipuzcoa sobre toda a linha.

Os affonsistas chegaram até a montanha Manuandi, procurando apoderar-se de Cheroquieta.

Foram repellidos com grandes perdas.

— A grande victoria ganha pelos carlistas sobre as linhas de Guipuzcoa está confirmada.

O inimigo foi desalojado de todas as posições que tinha occupado e repellido em desordem até ás portas de S. Sebastião.

Ficaram em nosso poder numerosos prisioneiros.

As perdas do inimigo são consideraveis.

Idem 30. — Na batalha de antes de hontem os affonsistas tiveram 1:000 ho-

mens fóra do combate, muitos officiaes mortos ou feridos e mais de 100 mi-queletes que ficaram fóra do campo de batalha.

Os carlistas levaram adiante de si o inimigo até ás portas de S. Sebastião. Durante a noite elles bombardearam a cidade.

O brigadeiro Mateo surpreendeu em Sesma, Navarra, uma columna de 500 infantas e noventa cavalleiros, e causou-lh grandes perdas.

Hendaia 2. — Muitas familias de S. Sebastião, aterradas pelo bombardeamento, deixaram a cidade e refugiaram-se em França.

Contam-se uns vinte mortos e feridos.

O conde de Caserta foi ao quartel real.

Uma bomba carlista derrubou uma parte da casa forte de Guetaria.

A artilheria carlista canhonea tambem Pamplona e seus arredores.

— Durante a primeira noite do bombardeamento houveram em S. Sebastião 37 mortos ou feridos, durante a segunda 7.

A emigração continúa.

O commandante general de Guipuzcoa felicitou em nome de Sua Magestade El-Rei e das autoridades, os batalhões que tomaram parte no combate do dia 28.

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLÉSIASTICOS E DE JUSTIÇA.

Direcção geral dos negocios ecclesiasticos

1.ª Repartição

Despachos effectuados por decretos das seguintes datas:

Agosto, 27

Antonio Balbino Rego — provido na serventia vitalicia do officio de escriptura da vigararia geral da comarca ecclesiastica da villa da Torre de Moncorvo.

O presbytero Antonio José Lourenço — apresentado na igreja parochial de Nossa Senhora da Assumpção de Lameiras, do concelho e diocese de Pinhel.

Declarada sem effeito, a requerimento do agraciado, a mercê que por decreto de 10 de dezembro de 1868 e carta regia de 3 de fevereiro de 1869 fôra feita ao presbytero Antonio Rodrigues de Paiva, da serventia vitalicia da thesouraria da igreja parochial de S. Bartholomeu e S. Thiago, da cidade de Coimbra.

O presbytero Faustino Antonio de Moraes — apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de S. Saturnino de Fanhões, do concelho dos Olivaeos, diocese de Lisboa.

Setembro, de 16 a 30

O presbytero Antonio Augusto Teixeira, parochio, collado na igreja de S. Cyprião de Avelleda — apresentado na de Santo Estevão de Frezulte, do concelho de Vinhaes, diocese de Bragança.

O presbytero Francisco Antonio Rosa da Fouseca, parochio collado na igreja de Nossa Senhora das Neves de Brinxes — apresentado na de S. Julião de Ervial, do concelho de Aljustrel, diocese de Beja.

Declarado sem effeito, a requerimento do agraciado, o decreto de 22 de abril ultimo, pelo qual o presbytero Joaquim Gomes dos Santos, parochio collado na igreja de S. Miguel de Villarinho do Bairro, da diocese de Aveiro, fôra apresentado na de Santo André de Barrô, da mesma diocese.

O presbytero José Antonio Pereira — apresentado na igreja parochial de S. João Baptista de Seixo de Gatões, do concelho de Monte-mór o Velho, diocese de Coimbra.

Acceita a renuncia feita pelo presbytero Manoel Alves de Castro, da igreja parochial de S. João Baptista da Portella, do concelho de Monsão, diocese primaz de Braga, na qual fôra apresentado por decreto de 5 de fevereiro e carta regia de 3 de março de 1858.

O ordinando Manoel Branco de Lemos, habilitado com a regia licença para poder ser admittido á sagrada ordem de presbytero — provido na serventia vitalicia da thesouraria parochial da igreja de S. Bartholomeu e S. Thiago, da cidade de Coimbra.

O presbytero Manoel Pinho Guimarães, parochio collado na igreja de S. Miguel de

Ribeiradio, da diocese de Vizeu—apresentado na de Nossa Senhora dos Milagres do Pindello, do concelho de S. Pedro do Sul, da mesma diocese.

O presbytero Antonio Marques da Silva Correia—apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de Nossa Senhora da Graça do Sobral da Serra, do concelho e diocese da Guarda.

O presbytero Antonio dos Santos Pereira e Castro—apresentado na igreja parochial de S. Miguel do Barrio, do concelho de Ponte de Lima, diocese primaz de Braga.

Declarado sem effeito, a requerimento do agraciado, o decreto de 9 de março de 1871, pelo qual o presbytero Henrique Modesto Bettencourt fôra apresentado na igreja parochial de Nossa Senhora dos Prazeres, do concelho da Calheta, diocese do Funchal.

O presbytero João Maria de Mello Ramalho, parochio collado na igreja de Santa Suzanna da Carapinheira—apresentado na de Santo Varão, do concelho de Montemor o Velho, diocese de Coimbra.

O presbytero Joaquim Monteiro de Carvalho—apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de Santa Maria do Pieheiro Grande, do concelho da Chamusca, diocese de Lisboa.

O presbytero José Luiz d'Antas da Costa—apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial do Salvador de Rendufe, do concelho de Ponte de Lima, diocese primaz de Braga.

O presbytero José Maria de Almeida, parochio collado na igreja de Nossa Senhora da Natividade de Calde—apresentado na de Nossa Senhora da Assumpção de Canas de Sabugosa, do concelho de Tondella, diocese de Vizeu.

O presbytero José Pedrosa Gaspar—apresentado na igreja parochial de Nossa Senhora da Piedade de Monte Redondo, do concelho e diocese de Leiria.

O presbytero Manoel Avellino da Costa Pinto—apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de Nossa Senhora da Graça de Móra, do arcebispado de Evora.

O presbytero Manoel da Silva Machado—apresentado na igreja parochial de Santa Maria de Sá, do concelho de Ponte de Lima, diocese primaz de Braga.

O presbytero Antonio dos Santos Vasconcellos Bettencourt, vigário collado na igreja de Nossa Senhora da Luz da ilha Graciosa—apresentado na de Nossa Senhora da Luz de Flamengos, do concelho da Horta, ilha do Faial, diocese de Angra.

O presbytero Estevão Correia Bizarro—apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de Nossa Senhora dos Prazeres, do concelho da Calheta, diocese do Funchal.

O presbytero Francisco Pires da Matos, parochio collado na igreja de Nossa Senhora do Socorro do Salão—apresentado na do Espirito Santo da Feteira do concelho da Horta, ilha do Faial, diocese de Angra.

O presbytero Joaquim Candido Correia—provido na serventia vitalicia da thesouraria parochial da igreja de S. Sebastião da cidade de Lagos, diocese do Algarve.

O presbytero José Viegas Pereira—provido na serventia vitalicia da thesouraria parochial da igreja de Nossa Senhora do Rosario da villa do Orlhão, diocese do Algarve.

O presbytero Manoel Ribeiro de Figueiredo—apresentado na igreja parochial de S. Martinho de Anta, do concelho da Feira, diocese do Porto.

Secretaria d'estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça, direcção geral dos negocios ecclesiasticos em 8 de outubro de 1873—Luiz de Freitas Branco.

pado pelos professores, desceu ao altar-mór, e ali ajoelhado junto no faldestorio entoou o hymno *Veni Sancte Spiritus*, no fim do qual o mesmo ex.^{mo} sr. recitou a oração *Deus qui corde etc.*

Em seguida o mais antigo dos professores, o sr. conego José Gomes Martins, de joelhos aos pés do ex.^{mo} prelado, e com a mão direita sobre os evangelhos leu a profissão de Fé mandada pelo Concilio Tridentino, a qual todos os outros, por seu turno, juraram nas mãos do sr. arcebispo.

Logo que terminou esta cerimonia, a banda de musica que se achava no grande pateo do palacio archiepiscopal rompeu uma peça, e acompanhou o ex.^{mo} prelado, que, seguido por todos os professores, reitor, vice-reitor, prefeitos, estudantes e mais pessoas que se achavam na capella, se dirigiu á grande sala da relação ecclesiastica. Ahi s. ex.^a rev.^{ma} tomou assento na cadeira do docel, e todos os professores e empregados do Seminario se dirigiram para os logares a elles designados. Então o venerando prelado recitou a oração da abertura das aulas, oração que realmente foi brilhante e sobremodo eloquente.

S. ex.^a rev.^{ma} começou por dizer que a posição a que se achava exalçada foi unicamente devida ao seu trabalho e estudo, e que isso deveria ser estimulo para os jovens que ora se iam dedicar ao sacerdotio: fez ver a conveniencia do estudo para os ecclesiasticos, especialmente na epoca presente, em que tudo se discute e em que as mais momentosas questões se agitam; disse que o padre deve estar á altura da sua missão, e que confiava nos professores e empregados do seminario para a formação do espirito do clero, bem como em que os estudantes corresponderiam a seus desejos; assim dariam gloria a Deus, honra á Igreja, e a elle, prelado, alegria e consolação, vindo por este meio a serem a sua corôa.

Por mais d'uma vez correram as lagrimas pelas faces d'alguns assistentes, vendo que este acto, todo religioso, tinha um grande alcance; e todos em segredo pediam a Deus a benção para o digno prelado, que tambem sabe comprehender a sua missão nobilissima, para os professores, e para os estudantes—esperança da patria e da Igreja, nossa Mãe.

Resposta do sr. G. Fonseca ao sr. B. Senna Freitas.—Como publicamos n'este jornal a carta que o nosso amigo e correligionario Bernardino de Senna Freitas, dirigiu ao sr. Guimarães Fonseca, a proposito do folheto d'este ultimo sr., corre-nos a obrigação de dar tambem publicidade á resposta do sr. Guimarães Fonseca.

O modo porque este escriptor exprime, dispensa-nos de commentar a sua carta, que é como segue:

Ex.^{mo} sr. Bernardino de Senna Freitas—Ao appello de v. ex.^a respondí com toda a minha franqueza, e com a muita sympathia, que me insouirou sempre o trato ameno, delicado, affectuoso, das suas relações para comigo.

Se eu soubesse que o sr. padre Senna Freitas era irmão de v. ex.^a, isso me bastava, para não escrever uma só palavra em desabono das suas opiniões religiosas, por mais que fossem contrarias ás minhas.

No campo da doutrina religiosa, como v. ex.^a muito bem sabe, ha cultores fervorosos, que banham com o suor da fronte e com o suor da alma os sulcos rasgados pela fé, a luz dos videntes, pela esperança, o anjo das promessas divinas, e pela caridade, a mãe dolorosa e compassiva de todos os infelizes.

Creio, não só por que v. ex.^a m'o disse, mas porque outras pessoas insuspeitas m'o affirmam, que o sr. padre Senna Freitas pertence, já pela inspiração do seu espirito, já pelo movimento do seu coração, ao numero dos obreiros desamparados que lidam desde o oriente da vida até ao occaso do tumulo, no campo d'uma doutrina angusta, para a qual não ha recompensa na terra, e que está de mais a mais ouriçada de abrochos, onde se rasgam as entranhas dos martyres d'um ideal, que já não pôde ser o nosso, nem pelo lado da fé, nem pelo lado da esperança.

D'aqui deprenderá, meu bom amigo, que eu percebo, ainda que superficialmente, a sublimidade da missão de todos os padres, que se agrupam ainda n'este seculo na sagrada montanha do sacrificio; e que, por conseguinte, não podia ser minha intenção offender, de qualquer modo, o caracter, a consciencia, a alma de seu irmão.

Algumas palavras rudes, algumas frases

menos decorosas, como v. ex.^a estranha, na discussão de doutrinas elevadas, tem o valor ephemero da forma, do estylo mau da incidencia fugitiva; e no meu folheto, quando se tratava de doutrina, professada por mim, e, como tal, em antagonismo com o ideal catholico, poderia ser vehemente, mas não era minha intenção agredir dignidade do meu adversario.

Eis-aqui o que me offerece dizer em resposta á dilatada pergunta de v. ex.^a de quem sou, como sempre, amigo muito affeiçãoado e grato.

F. Guimarães Fonseca.
Harmonias.—Algumas harmonias do noticiario do «Jornal do Minho», n.º 80.

—«Os devotos não se poupam a despesas para tornarem este magestoso acto religioso o mais pomposo.

E logo em seguida:

—«Tambem no magestoso templo dos Remedios haverá a pomposa festa», etc.

—«O fogo do ar, preso e illuminação, será esplendida».

Basta.
Asylo de D. Pedro V.—A direcção do Asylo de Infancia Desvalida de D. Pedro V, d'esta cidade, annuncia, que no domingo 17 do corrente, ás 11 horas da manhã, procederá á leitura do relatório e apresentação de contas do anno economico de 1874-1875, e pede a todos os ex.^{mos} srns. socios compareçam no referido dia, na sala do Asylo, á rua do Alcaide, n.º 9, para se eleger a nova direcção. Braga, e secretaria do Asylo de Infancia Desvalida de D. Pedro V, 6 de outubro de 1875.

O secretario—Manoel Simões Braga.

Cavalleiro d'industria.—Quando tivemos conhecimento de certo cavalleiro de industria, que ha dias andou n'esta cidade, intitulado-se agente carlista, já o nosso n.º passado estava no prelo, e por isso não demos esta noticia, que, para cautella dos incautos e como prevenção ás auctoridades, reproduzimos do «Direito», o qual com justa razão epigrafa:

Pandilha de ladrões.—No domingo passado appareceu em Braga um individuo que se dizia agente carlista e se intitulava Conde de Casa Flores, o qual além de uma porção de bilhetes falsos do ultimo empréstimo de Carlos VII trazia outros assignados em branco com o nome do mesmo Senhor, e á presente tambem uma auctorização com as armas de Espanha, auctorizando-o como agente carlista.

Este sr. conde de Casa Flores não é mais que um membro d'uma quadrilha de ladrões, que andam exercendo a sua industria em Portugal e na Hispanha.

O mesmo larapio ainda ha poucos dias tinha estado em Tuy, e ha alguns mezes esteve n'esta cidade do Porto, e por essa occasião tinha feito boa colheita na Galiza.

Da quadrilha fazem parte tambem algumas mulheres; uma d'estas esteve por algum tempo n'esta cidade exercendo a sua industria, depois foi para Lisboa, aonde parece fôra ultimamente presa.

O tal conde de Casa Flores falla pessimamente o hispanhol, fazendo uma salgalhada de hispanhol, italiano e francez, é magro, com bigode roivo, e anda mui bem indusriado, fallando de muitas cousas e pessoas e algumas vezes com conhecimento de causa.

Esta quadrilha, é carlista com os carlistas, affonsina com os affonsinos, republicana com os republicanos, moderada com os moderados, porque o seu unico fim é roubar a todos quantos pôde enganar. Andam munidos de bilhetes de visita de varios personagens de todos os partidos, para melhor se introduzirem com as pessoas a quem querem roubar.

Recommendamos aos legitimistas que se acantelem e se não dixerem roubar; que quando algum d'esses larapias lhe apparecer o denunciem á policia atim de que recebam o premio de que são dignos.

A quadrilha compõe-se de italianos, hispanhoes e parece que tambem algum francez—O conde de Casa Flores é italiano, e quando não pôde roubar por meio do papelada falsa usa tambem de implorar a caridade publica por meio d'uma subscrição para um emigrado.

Parece que uma mulher que foi preza em Lisboa por causa d'umas letras falsas, faz parte da boa sociedade.

Ainda mais uma vez; cuidado com os taes freguezes.

Doas tiradas classicas.—Lê-se no artigo de fundo do «Jornal do Minho», n.º 80, entre outros de não inferior merecimento, os dois seguintes trechos, que copiamos fidelissimamente:

«Ha tranzes amargurados, e angustias

que sente mas não exprime o preto por ellas lacerado, fenecendo nos labios as phrazes doridas que em borbotões rebentam d'alma abafadas em soluços pela violencia do soffrimento.»

—«Com a fronte curvada ante os insondaveis decretos do Altissimo, mesclamossas nossas lagrimas com as do amigo saudoso e grato, e esparjamos odoríferas flores no tumulo do correligionario politico, e gravamos sobre esmeraldas, em letras de ouro o nome do venerando Claudio José Nunes.»

Abuso intoleravel.—Costumam muitas das vendeiras da praça levarem para os templos, quando vão ouvir missa, cestos da fructa, bilhas de leite, açafates com gallinhas, e outros objectos d'esta laia.

Isto é além d'uma irreverencia suprema, um abuso intoleravel, e muito nos admira que n'esta terra que se presa de civilizada, ainda se tolerem factos d'esta ordem; quando sabemos de aldeias sertanejas, onde em tempo nenhum se consentiram.

Serões Romanticos.—Esta acreditadissima empresa editora dos srns. Balem & Comp.^{as}, de Lisboa, que tem enriquecido a nossa litteratura com magnificas produções litterarias, vaé editar o famoso romance de Fernandez y Gonzalez, vertido pelo sr. L. Quirino Chaves, «Os Desherdados». A edicção é ornada com primorosas estampas desenhadas pelo distinctissimo artista Manuel de Macedo, e gravadas pelo gravador Alberto.

No proximo n.º diremos mais d'espaco, e publicaremos o anoncio, que por falta d'espaco, não inserimos hoje.

Quem quizer assignar esta publicação, ou obter outras editadas pela empresa dos «Serões Romanticos» dirija-se a DIAS FRÉTTAS, rua Nova, n.º 3, Braga, que é n'esta cidade o unico correspondente d'aquella empresa.

Incendio.—Na passada sexta-feira ficou reduzido a cinzas um predio pertencente á sr.^a Antonia Duarte, do lugar de Quintella, freguezia de Ferreiros.

Ignora-se como o fogo teve principio.

BANCO MERCANTIL DE BRAGA

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Resumo do Activo e Passivo d'este Banco, em 30 de Setembro de 1875.

Capital social	4.200.000\$000
Capital actual (1. ^a serie imittida)	600.000\$000
Capital realisado	210.590\$000

ACTIVO	
Accionistas	390.276\$150
Caixa, existencia em metal	47.481\$015
Letras descontadas, tomadas e a receber	96.581\$328
Valores fluctuantes	50.080\$265
Effeitos d'positados	17.950\$300
Empréstimos com hypotheca	6.000\$000
Empréstimos sob penhor	13.174\$880
Creditos com caução	83.752\$860
Devedores no paiz	182.188\$041
» no estrangeiro	13.139\$422
Despezas de installação	2.775\$470
Movéis e utensilios	606\$955
Despezas geraes	1.818\$087
	876.424\$473

PASSIVO	
Capital	600.000\$000
Letras em deposito	4.699\$350
Credores no paiz	142.596\$482
» no estrangeiro	10.164\$366
» d'effeitos depositados	17.950\$000
Depositos á ordem	47.777\$380
Depositos a prazo fixo	44.972\$330
Lucros e perdas	8.264\$565
	876.424\$473

Braga e Banco Mercantil 30 de setembro de 1875.

Pelo Banco Mercantil de Braga
Os directores,
João da Costa Palmeira.
José Joaquim Lopes Cardoso.

GAZETILHA

Abertura das aulas do seminario de S. Pedro.—Ante-hontem presenciou Braga, pela primeira vez a abertura solemne das aulas do seminario conciliar de S. Pedro.

Começou este acto, na capella do Paço archiepiscopal, pela missa do Espirito Santo, cantada pelo muito rev.^o sr. padre João Rebello Cardoso de Menezes, dignissimo vice-reitor do seminario, á qual assistiu da sua tribuna, o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. arcebispo coadjutor, o corpo docente do Seminario, a communidade e varios alumnos externos do mesmo, e grande concurso de povo.

Finda a missa, s. ex.^a rev.^{ma}, acom-

ANNUNCIOS

3.^a EMISSÃO D'OBRIGAÇÕES DOS CAMINHOS DE FERRO DO MINHO E DOURO

São prevenidos os portadores de certificados da 3.^a emissão de obrigações dos caminhos de ferro do Minho e D'ouro, de que no dia 15 do corrente mez se vence a 3.^a prestação de 20.000 reis por obrigação que os mesmos deverão satisfazer no cofre central d'este districto no referido dia desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, ficando sujeitos pela falta do pagamento na epocha referida á perda das prestações já pagas.

Repartição de Fazenda do districto de Braga, em 9 d'outubro de 1875.

O delegado do thesouro,
(2742) Henrique Francisco Bizarro.

JUROS D'INSCRIPÇÕES

Do 2.^o semestre de 1875.

São convidados os possuidores d'inscripções com assentamento na junta do credito publico, que pretenderem receber os juros do 2.^o semestre de 1875 pelo cofre central d'este districto a apresentarem n'esta repartição de fazenda até o dia 30 do corrente, as relações respectivas, sendo uma por cada semestre, descriptos os nomes e appellidos conforme os assentamentos ou pertencas das respectivas inscripções e bem assim pela ordem numerica dos titulos, sem o que não poderão ser accitees.

Os possuidores de *Coupons* que tambem quizerem receber os juros dos mesmos pelo dito cofre devem apresental-os até á referida epocha na alludida repartição de fazenda afim de serem competemente relacionadas e seguirem seu destino.

Repartição de Fazenda do districto de Braga em 9 d'outubro de 1875.

O delegado do thesouro
(2743) Henrique Francisco Bizarro.

PROCURA-SE

Uma casa que tenha pelo menos tres quartos, para homem solteiro, em ultimo caso pôde ser no arrabalde.

ARRENDAR-SE

Ou compra-se, basta que agrade. Tratar, á rua de S. Lazaro, n.º 4. (2741)

COMPANHIA EDIFICADORA

E
INDUSTRIAL BRACARENSE

A direcção convida os snrs. accionistas a fazerem a 3.^a entrada de 5 p. c. ou 1250 reis por acção, nos dias 18 e 19 do corrente mez, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde no escriptorio da Companhia, campo de Sant'Anna n.º 71 D—2.^o andar.
O recibo d'esta prestação será passado nos recibos primitivos.

Braga 6 de outubro de 1875.

Francisco da Silva Araujo
Fernando Castiço
José Alves de Moura. (2736)

MUDANÇA

Manoel José Coelho Braga, morador no largo de N. Senhora A Branca, n.º 9, mudou o seu estabelecimento para o n.º 12 do mesmo largo (2740)

MUDA

Bernardino Fernandes, alfaiate tanto de roupa ecclesiastica como secular, morador que foi no Paço Archiepiscopal, faz sciente aos seus freguezes e amigos, que mudou a loja do seu trabalho para a rua do Forno, n.º 14.—Braga. (2722)



Diligencias diarias de Sebastião da Silva Neves.

Esta empresa faz publico, que além das suas antigas carreiras de Nine por Barcellos a Vianna, Caminha, Valença, Tuy, Vigo e S. Thiago, e de Braga a Ponte do Lima e Vianna, estabelece no dia 28 do corrente mez de setembro carreiras diarias entre Braga, Arcos, Monsão e Valença, e vice-versa.

Estes serviços são todos em combinação com os caminhos de ferro de Braga ao Porto e Lisboa, podendo os snrs. passageiros tirar bilhetes e despachar bagagem nos escriptorios do annunciante para todos os pontos acima mencionados. Tambem se recebem encomendas.

Escriptorio em Braga, na casa aonde esteve a Companhia Viação, esquina da Conega. (2716)



NOVO HORARIO

José Martins Fontão Lage e Antonio José Ribeiro, fazem publico que desde o dia 9 de outubro em diante, começam com as suas carreiras diarias d'esta cidade para a Povoia do Varzim e vice-versa; saem de Braga ás 9 horas da manhã, chegam a Barcellos ás 12 e tem meia hora de descanso; sae á 1 hora, e chega á Povoia ás 3 da tarde.

Volta

Sae da Povoia ás 6 horas da manhã, chega a Barcellos ás 9, tem meia hora de descanso, sae ás 10 horas e chega a Braga á 1 da tarde.

Os seus escriptorios são: Em Braga, em casa do snr. Domingos Alves Pereira, esquina da rua d'Agua, e na Povoia em casa do snr. Francisco Gonçalves, largo de S. José, defronte da igreja.

Preços:

De Braga a Sequeira, 80 rs.
De Braga ao Porto de Martim, 120 rs;
De Sequeira a Barcellos, 160 rs.
Do Porto de Martim a Barcellos, 120 réis.
De Barcellos ás Necessidades, 160 rs.
Das necessidades á Povoia, 200 rs.
De Braga a Barcellos, dentro 400 rs. fóra 300.
De Barcellos á Povoia, dentro 400 rs. fóra 300.
De Braga á Povoia, dentro 600 réis, fóra 500.
(2737) José Martins Fontão Laja.

Livraria d'Eugenio Chardon

QUADRO DOS PESOS E MEDIDAS METRICAS

Uma bonita estampa colorida.

Preço. 400 réis.



Extrai, cura e conserta os dentes cariados, colloca dentes artificiaes com perfeição. Presta-se a chamados fóra da cidade. Consultorio, Campo de Sant'Anna n.º 1, das 8 da manhã ás 5 da tarde (2723)

João Manoel da Silva Guimarães.—Rua do Souto n.º 43.

Compra e vende Acções de todos os Bancos e Companhias, Inscriptões de Assentamento e coupons. (X.)

ALUGA-SE

Um piano forte. Para tratar, no campo de D. Luiz I, n.º 1 (entrada da rua dos Capellistas.) (2734)

MOURA

MOURA

MOURA

BRAGA

BRAGA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade. (2584)

Vende olio, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e preços muito resumidos.

Vende papeis pintados para guardar sallas, lindissimos custos, a principiar em 80 reis a peça.

Conselheiro Camillo Anreliano

CULTURA

DAS

ARVORES FRUCTIFERAS

Pereiras, Macieiras e Pecegueiros

Modo pratico de plantar estas arvores, de dirigilas e podalas, obrigando-as a fructificar dentro de tres annos, seguido d'uma relação descriptiva das melhores peras, maçãs e pecegos que se cultivam no estrangeiro.

Um nitido volume de 328 paginas com 65 gravuras intercaladas no texto.

800 reis—franco, 840 reis.

Na Livraria Bracarense, rua do Souto, 25, 25 A e 25 B.

No Porto, Livraria Moré—editora (2720)

Rua do Campo, n.º 22—Braga

Alugam-se os altos da casa n.º 22, que tem commodos para numerosa familia. Trata-se na mesma de seu aluguel e pôde ver-se a toda a hora do dia. (2626)

PERFUMARIAS

Vendem-se na pharmacia de A. D. Alvim, os seguintes preparados:

Agua de triple de Colonia.
Dita da Sociedade Higienica.
Dita de Principes.
Dita de Codrait & Companhia e outros auctores.
Ditas Aneterina, do dr. Popp.
Dentorina, de Rigaud.
Coloriginio, de Rigaud, liquido regenerador da cor primitiva dos Cabellos.
Pós Rosée, preparação nova, para branquear e amaciar a pelle, de Rigaud.
Oleo Miranda, de Rigaud.
Vinagre de Toilette, de Bully.
Creme Dentifrico, de Rigaud.
Pós Dentifricos, do dr. Pierre.
Thesouro da Bocca, esta agua dentifricia, muito agradável ao gosto, é a mais efficaz para os cuidados da bocca, e conservação dos dentes.
Pomada Flexivel, para conservação dos cabellos.
Pó d'Arros d'Italia, para branquear, refrescar e amaciar a pelle.
Pomada Miranda, de Rigaud, tonica fortificante do cabelo.
Benzina perfumada. Esta benzina é de todos os productos até hoje conhecidos, o efficaz para tirar as nodos de todos os corpos graxos ou resinosos, dos tecidos de seda, lã, linho e algodão, sem alterar a cor, nem atacar o tecido, deixando depois do seu uso um aroma agradável.
Oleo de mão de vacca, aromatisado para o cabelo.
Sabonetes de alcitrão, muito uteis em diversas molestias de pelle.

OLEO DA PERCIA

Este oleo cosmético bem diferente a todos os oleos e pomadas usadas até hoje, amacia, dá lustro e brilhantismo ao cabelo, melhor que qualquer outro, sem deixar nodos alguma na roupa. Vende-se na pharmacia de A. D. Alvim.

LEITE DIVINO

Único restaurante da belleza. Vende-se na pharmacia de A. D. Alvim.

TONICO ORIENTAL

Preservatorio seguro contra a calvice e encanecimento, é a preparação mais deliciosa que se ha descoberto para o cabelo. Vende-se na pharmacia—Alvim.

AGOA CIRCASSIANA E FLOIDA

Vende-se na pharmacia—Alvim. (129 2675)

ALUGA-SE

Uma casa feita de novo, sita na rua das Agoas, n.º 91. Trata-se na rua dos Chãos n.º 13.
Pôde vêr-se das 10 horas da manhã, até á 1 da tarde. (2694)

L'illustration de la mode. O mais elegante, ricamente illustrado e barato dos jornaes da moda.

Publica-se em Paris uma vez por mez, no formato dos grandes jornaes illustrados. Cada numero contém dez a quinze modelos de toilette, uma grande folha de modelos de tamanho natural e uma magnifica gravura colorida.

Quem quizer assignar esta publicação, dirija-se á livraria de Eugenio Chardon, largo de S. Francisco.—Braga.

A empresa offerece aos seus assignantes um magnifico cofresinho contendo tudo o que é necessario para um toucador e cujos objectos valem para cima de 20 francos.

Preços d'assignatura—Portugal: sem o referido brinde—9 fr. Com o brinde—13 fr.